

Movimento-imagem, imagem-movimento, possibilidades em Arte

Vanessa Elicker Fredrich¹

Alessandra Londero²

Resumo

O presente artigo é o relato de experiência de um projeto didático destinado à crianças com necessidades educacionais especiais. Oportunizar o movimento corporal relacionado à formação de imagens, possibilitando o desenvolvimento motor, afetivo e cognitivo em adolescentes surdos e, ampliar as fronteiras entre universidade e comunidade foram os objetivos almejados. O projeto em seu primeiro semestre resultou no aprimoramento das atividades básicas de coordenação motora dos alunos envolvidos e na possibilidade de práticas em ensino-aprendizagem na relação artes, dança e libras. O mesmo projeto foi proponente de pesquisa dentro do Programa de Pós-Graduação em Artes Visuais, pelo Centro de Artes e Letras, da Universidade Federal de Santa Maria.

Abstract

This article is an account of the experience of the educational project “Cóser Dance”, aimed at children with special educational needs. Opportunities to practice dance as a physical exercise, enabling motor development in deaf adolescents and widening the boundaries between university and community were the goals sought. The Cóser Dance resulted in the improvement of the basic activities of motor coordination of the students involved and the opportunization of practices in dance teaching and learning. The same project was a research proposal within the

Postgraduate Program in Visual Arts, by the Arts and Letters Center, Federal University of Santa Maria.

Introdução

O projeto foi desenvolvido na Disciplina de “Estágio Curricular Supervisionado Obrigatório III - Dança na Comunidade”, do curso de Dança Licenciatura, da Universidade Federal de Santa Maria - UFSM, durante o primeiro semestre de 2017. Com participação de 10 à 15 alunos, com idades entre 14 e 30 anos, da comunidade surda da Escola Estadual de Educação Especial Reinaldo Fernando Cóser, escola que atende crianças, jovens e adultos de diversas cidades da região.

O projeto teve como objetivo oportunizar à esta comunidade uma vivência em Dança, para desfrutar das diversas sensações e possibilidades que ela proporciona e estimular a interação entre os participantes. Os objetivos específicos do projeto e destas atividades eram estimular, desenvolver e trabalhar a coordenação motora e a percepção visual dos alunos da escola em horário extracurricular. Entre os objetivos do projeto ainda estavam: experimentar outros modos de ensino e aprendizagem na arte, através do uso de imagens projetadas em data show e, desfrutar das sensações que a arte e tecnologia proporcionam realizando a integração entre os alunos da escola. Para atingir estes objetivos, leituras em Rudolf Laban (1978), Antonio Carlos Almeida (2000) auxiliaram a planejar as atividades e, Ivani Santana (2006) e Ana Mae Barbosa (2015) contribuíram

para as reflexões em arte tecnologia e serviram de referência bibliográfica neste artigo ao tratar de arte e tecnologia e processos de ensino-aprendizagem.

Em justificativa para a realização deste projeto, Ivani Santana³ (2006, p. 40) contribui com seu argumento de que, “a dança com mediação tecnológica não existe porque as máquinas existem, mas sim, como um fenômeno co-evolutivo, um resultado da implicação da dança com a Cultura Digital”. Ao refletir sobre o argumento da autora, podemos pensar sobre este fenômeno cultural de uma sociedade em crescente avanço tecnológico. A arte em diálogo com a tecnologia está além de seu papel “surpreendente” dos efeitos tecnológicos mas, enquanto uma resultante dos avanços na área da pesquisa e da evolução tecnológica. O Projeto realizado oportunizado pela tecnologia, proporcionou uma vivência em dança para pessoas com necessidades educacionais especiais. Pessoas que muitas vezes não são incluídas nesta evolução cultural de que trata Ivani Santana (2006).

Metodologia

Na busca em atingir os objetivos propostos e de contribuir neste fenômeno co-evolutivo da sociedade, o projeto foi realizado durante quatro meses, com encontros de duas horas semanais, dentro das dependências da Escola Estadual Reinaldo Fernando Cóser, em Santa Maria, no estado do Rio Grande do Sul, Brasil. Para a realização das atividades foram utilizados equipamentos de projeção, computador e vídeos editados com ilustrações de imagens.

Por meio de figuras geométricas e com tecnologia de imagem e edição, foram criados movimentos corporais em diálogo com figuras geométricas apresentadas. Estes símbolos/imagens foram animados em vídeos (com o aporte do software Adobe Premier

e Windows MovieMaker). Desta forma, os alunos surdos foram estimulados visualmente a movimentar-se.

A Fotografia 1 demonstra a escrita destes símbolos pelos alunos. Os símbolos foram baseados em figuras geométricas que se formam ao realizar movimentos com membros superiores e inferiores do corpo. Estes símbolos foram transformados em imagens, via programa de edição e a partir deles foram produzidos vídeos, nos quais os símbolos se alternavam, estimulando os alunos a movimentarem-se. Estes símbolos constituíram uma espécie de partitura de movimento. Assim, a imagem tornou-se a melodia da dança pra quem não pode ouvir. Além das atividades desenvolvidas com os símbolos, os alunos também vivenciaram dinâmicas, exercícios que buscavam aprimorar equilíbrio, postura e desenvolvimento motor.



Fotografia 1. Movimento Visual. Fonte: Arquivo Vanessa Fredrich

Ao final do projeto, como uma forma de avaliação, os alunos foram convidados a relatar suas experiências e foi composta uma sequência de movimentos a partir dos símbolos e da criação de movimentos dos alunos. Importante destacar que durante as aulas não havia intérprete de libras. A ministrante

do projeto contou com a eficaz participação dos alunos que lhe ensinavam a língua de sinais.

O projeto iniciou como um grande desafio. Após conversas com a direção da escola sobre o modo de ensino da arte da dança, o qual não consistiria em utilização de som, a escola aceitou o projeto. A principal preocupação da instituição era o fato de a Dança ter ligação com a música e com isto inibir os alunos. Entretanto, a partir da metodologia proposta nas aulas, os alunos sentiram-se incluídos em seus próprios movimentos, em sua própria dança que envolvia as artes visuais e o movimento corporal.

O início de cada aula retomava as atividades realizadas na aula anterior, os movimentos trabalhados eram recaptulados e acrescentava-se qualidades de movimento.

A relação aluno/professor era horizontal. Os alunos variavam de faixa etária desde os 15 anos até 33 anos. A professora, ministrante do projeto, com sua formação em Dança Contemporânea e Dança de Salão contribuía na construção de movimentos e no desenvolvimento motor dos alunos enquanto eles lhe ensinavam a língua de sinais. Com palavras escritas no quadro, alguns alunos interpretavam a escrita na língua de sinais para que outros colegas pudessem compreender. O processo de ensino aprendizagem horizontal consistia na troca de palavras, de sinais de movimento, e de afeto.

Os conhecimentos de leitura e escrita da língua portuguesa e da língua de sinais também variavam entre os alunos, enquanto alguns estavam bem desenvolvidos, outros estavam ingressando nos estudos. Entretanto, estas diferenças eram muito importantes, pois havia ajuda mútua, um esforço em fazer com que o grupo aprendesse e movimentasse junto. Um aluno transmitia as indicações da professora aos demais e assim, trabalhavam com os símbolos, mudando a ordem, variando a dinâmica da realização do movimento. Cada símbolo, cada imagem recebia

a interpretação de um movimento, um exemplo: Movimento de flexão e extensão de braços em direção a cabeça ganham o símbolo de triângulo invertido. As pernas afastadas em movimento de abdução ganha o símbolo do triângulo. Rotação da cabeça para a direita ganha o símbolo do círculo. Em uma sequência de vídeos e cores de efeitos, esses símbolos eram apresentados em exercício de memória, percepção visual e movimentação do corpo. Também havia o processo oposto: muitas vezes os alunos chegavam em sala de aula com movimentos corporais oriundos de suas influências com vídeos de dança, ou movimentos que eles visualizavam alguém fazer. Estes movimentos recebiam imagens ou símbolos que os alunos julgassem dialogar com o movimento.

Imagem-símbolo-movimento

No exercício de observação da imagem e realização de movimento compreende-se alguns dos estudos de Gilbert Simondon (2013). Na relação da imagem e movimento, Simondon (apud Duarte, 2017) trata da imagem-motora, na qual a imagem surge através de movimentos motores do corpo, estando condicionada ao acionamento músculo-esquelético do corpo. A imagem-motora, nesta visualização de símbolos geométricos como propulsores de movimento em dança, faz relação com a imagem-percepção da qual trata Simondon, na qual o organismo precisa de informações exteriores para poder agir. Na dinâmica da criação de símbolos e na realização de movimentos ambas as imagens –motora e de percepção- são observadas. Pois, na criação de símbolos desenvolvemos nossa imagem motora e, na interpretação dos símbolos trabalhamos a imagem percepção.

Estas imagens/símbolos eram ressignificados em movimentos, com este modo de ensino e prática de dança e de arte amplia-se a noção de imagem

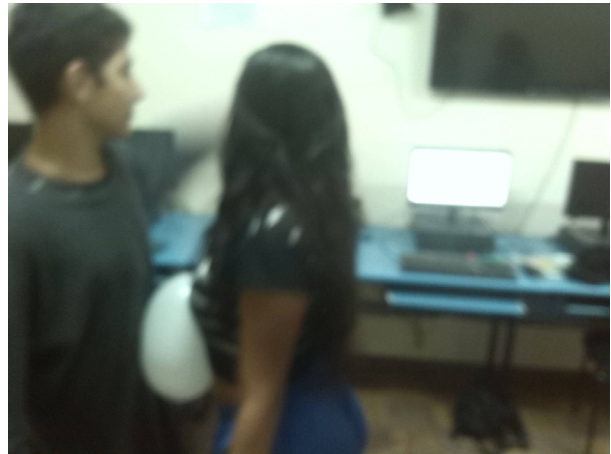
e promove-se reflexões no campo da arte. Sobre este processo de ensino aprendizagem por meio de imagens, Débora Barreto (2008) contribui ao fazer a escrita sobre Pierre Furter e a pedagogia da imagem, a qual,

[...] devolveria ao processo educacional e à sociedade como um todo a possibilidade de imaginar manipulando as utopias e sonhos humanos; de permitir aos educandos que representem, a partir destas imagens, as aspirações, sentimentos e ideias, através da expressão ou da comunicação, que não passam apenas pelo campo conceitual. (BARRETO, 2008, p. 128)

Os símbolos/imagens eram uma possibilidade de alcançar e despertar expressões e sensações desta comunidade de necessidades educacionais especiais, ultrapassando os campos conceituais da imagem. O símbolo direcionava o movimento, o que inicialmente parecia um engessamento do movimento, uma forma muito técnica de movimento, com o decorrer das aulas foi ampliando possibilidades de expressão envolvendo os alunos e suas experiências corporais.

Qualidades de movimento-sociabilização

O Projeto iniciou com apenas dois alunos. Ao final, participavam ativamente cerca de 12 alunos. Ao longo das propostas com a criação de movimentos e símbolos trabalhamos variações. Em exemplo destas variações, realizamos atividades em duplas, em duplas, com um balão conectando os corpos, os alunos realizaram o movimento de acordo com o símbolo que era apresentado pela tela do computador.



Fotografia 2. Dinâmica com balão. Fonte: Arquivo Vanessa Fredrich.

Outra proposta de dinâmica foi a variação da qualidade de movimento a partir da mudança de ritmo em que imagens eram apresentadas na tela do computador. Por meio da tonalidade de cores sugeriu-se a alteração do ritmo/tempo a ser executado o movimento. Exemplo: quando a cor azul era apresentada anteriormente a imagem, o movimento deveria ser lento. Na presença da cor laranja, o movimento deveria ser realizado rapidamente. A atividade foi realizada com êxito por apenas alguns alunos que conseguiram entender que, nas cores havia uma contagem, os segundos, e que durante este tempo dos segundos devia-se desenvolver o movimento. Estas aulas eram vivências de sucessos e por vezes frustrações pois, nesta metodologia horizontal na relação aluno/professor sustentada pelo fato de que alunos e professor haviam formas diferentes de se comunicar, muitas vezes a proposta objetivada era realizada de maneira diferente pelos alunos. O que torna-se potente, pois mostra outra maneira de realizar a mesma tarefa. Com isto, as atividades estavam sempre abertas à mudanças.

Resultados e discussão

O objetivo principal do projeto, de proporcionar práticas de dança aos alunos, foi atingido, e de alguma forma, conseguimos “contaminar” a escola. Ao criarmos os sinais de movimento, o cartaz (fotografia 1) que ficou exposto no corredor da escola instigamos mais alunos a movimentarem-se. Projeto que iniciou com apenas dois alunos e, em suas últimas atividades teve a participação de até quinze alunos. A proposta de desenvolver a coordenação motora dos alunos ao longo das aulas foi obtendo sucesso, isso foi possível de observar, conforme a metodologia de avaliação, diante dos vídeos/registros gravados durante as aulas.

Neste modo de ensino-aprendizagem horizontal, ainda tão recente em alguns espaços educacionais, houve uma grande troca de experiências, os alunos contribuíam com a formação da docente ao ensinarem a língua de sinais. Esta relação, sem hierarquia entre professor-aluno foi de grande valia pois, proporcionou que os alunos realmente sentissem parte importante dentro do ambiente escolar.

A imagem como meio de criação, experimentação de movimento pôde desenvolver a percepção visual e corporal dos alunos, além de proporcionar a integração entre os mesmos.

Conclusões

PROPOMOS CONCLUSÕES,
ENQUANTO INQUIETAÇÕES.

As conclusões deste relato de experiência refletem-se enquanto inquietações. Após a convivência com estes alunos de necessidades educacionais especiais, com uma comunidade escolar carente, em um bairro desprovido de boas condições sociais, na parte sul da cidade de Santa Maria, o projeto denominado inicialmente de Dança Cóser despertou

apontamentos sociais e educacionais importantes. A falta de escolas que atendam crianças surdas, faz da Escola Fernando Cóser um lar que recebe crianças e jovens de diversas cidades, as quais viajam por horas para frequentar a rede de ensino. Este fato, influenciou no número de alunos que teve a possibilidade de vivenciar este projeto.

A comunicação nas atividades por vezes parecia debilitada, pelo fato da professora e dos próprios alunos estarem em níveis diferentes de aprendizado na língua de sinais. Entretanto, esta “debilidade” não foi um impedimento para o desenvolvimento das atividades. Pelo contrário, passadas algumas dificuldades de comunicação, esta debilidade na comunicação de certa forma colaborou para o engajamento dos alunos nas aulas, pois eles ensinavam libras e ficavam entusiasmados ao perceber que estavam conseguindo ensinar algo para uma pessoa ouvinte.

Porém, vale ressaltar que, a comunidade surda carece de atividades, projetos que desenvolvam a motricidade, a coordenação motora, aspectos fisiológicos do movimento. Principalmente em escolas que estão em bairros distantes do centro e das universidades de Santa Maria. Neste sentido, podemos refletir juntamente de Barbosa (2015, p. 25) sobre “O que a indústria pode fazer pela escola? Ou melhor: O que ela pode fazer com a escola?” Ana Mae Barbosa traz esse questionamento após sugerir que as escolas de hoje estão preparando os jovens para a indústria. Mas propomos uma outra questão: a relação da universidade, da indústria, *para com* às escolas. Podemos concluir que este projeto está na relação “para com” a escola, e “juntamente” da escola. Pois as atividades, a criação de símbolos para o movimento foram desenvolvidas juntamente com os alunos.

Os objetivos iniciais do projeto, sobre desenvolver e trabalhar a coordenação motora e a percepção visual dos alunos da escola em horário extracurri-

cular foram alcançados, ao ponto que, foi realizado um trabalho audiovisual, uma espécie de vídeo-retrato sobre as atividades e as percepções dos alunos, onde podemos observar o registro das aulas e acompanhar a evolução no comportamento motor dos alunos e, por fim, visualizar o corpo de alunos surdos dançando, sendo estimulados pela imagem e percepção visual.

Deste projeto surgem metodologias para o ensino de dança e de arte para jovens com perda auditiva em escolas de educação especial e para alunos de inclusão no ensino regular, o interessante deste trabalho é que ele estimula modos de movimento aos quais não estamos habituados, por isso, torna-se atrativo também para pessoas ouvintes. Mais do que uma experiência em Dança para a comunidade surda, o Dança Cóser despertou reflexões importantes para a formação em Dança da discente ministrante do projeto, e, uma análise crítica para a dança e trabalhos de arte com que estamos acostumados, que é limitante, limita tanto público quanto artistas.

O projeto expandiu as fronteiras entre Universidade e comunidade, e oportunizou dialogar com áreas do conhecimento como educação especial, dança e tecnologia, pois as ações de dança na escola Cóser foram realizadas com o apoio de aparatos tecnológicos para a edição e exibição de vídeos com símbolos/imagens para o estímulo ao movimento. Além disso, o “Dança Cóser” ampliou o modo de lecionar dança, desprendendo-se dos padrões desta arte e, segue estimulando estudos e propostas para trabalhos inter/transdisciplinares entre arte, educação especial e tecnologia. Por fim, compartilha-se aqui trechos do diário de campo da ministrante do projeto, afim de que este artigo aproxime o leitor dos importantes escritos:

“Mais uma vez, tivemos o momento deles me ensinarem libras, quando eu fui dizer que na pró-

xima aula trabalharíamos novamente os sinais, e veríamos vídeos das sequencias de movimento que já havíamos criado. Para finalizar a aula, Maysson, Dienifer e Vitória, se “apresentaram” para os demais, realizando a sequência de movimento que criamos. Me senti satisfeita na aula, embora um pouco assustada e grata pela presença de novos alunos ao grupo, isto me desafia a criar aulas que sejam interessantes tanto para os alunos que já frequentam o projeto, quanto para os novos.”

“Por muitas vezes me crucifiquei por não saber a língua de sinais, eu pensava que poderíamos desenvolver tantas outras coisas se eu conseguisse me comunicar melhor com eles. Mas essa nossa “falha” de comunicação possibilitou outras experiências, porque às vezes eu queria uma atividade, e os alunos entendiam diferente e essa atividade era modificada, e na maioria das vezes para algo melhor do que eu havia pensado. Como por exemplo a confecção do cartaz com os sinais de movimento, eu havia proposta que desenhássemos os símbolos. Eles criaram partituras de movimento, cada aluno teve a sua partitura de movimento desenhada no cartaz, e esse registro está exposto na escola, esta marca deles. Ver a emoção deles, o quanto estes alunos vibravam quando eu conseguia mover meus dedos, minhas mãos para representar uma palavra em libras, isso me emociona, me afeta demais. Sem dúvida, não foi apenas um estágio, umas horas para contar no currículo, eu tive lições de vida. E cada vez mais vontade de lutar por uma sociedade justa, que todas as escolas possam receber todo e qualquer ser humano, porque acima de cor, de tamanho, de peso, de qualquer característica, nós somos seres humanos.”

Ao fim, é possível que o leitor compreenda que, os alunos surdos foram estimulados visualmente a movimentar-se e a ministrante do projeto teve sua formação contemplada com este diferente modo de ensino-aprendizagem na dança e na arte do movimento corporal e da imagem.

Referências

- ALMEIDA, Antonio Carlos. *Surdez paixão e dança*. Olho D'água Editora, 2000.
- BARBOSA, Ana Mae. – *John Dewey e o ensino da arte no Brasil*/ 8. Ed. -São Paulo: Cortez 2015.
- BARRETO, Débora. *Dança...Ensino, Sentidos e Possibilidades na Escola*. Ed. Autores Associados , 2008. p. 126-146.
- DUARTE, Fabiane U. *Outras formas de olhar: construção de imagens a partir da apreciação de filmes com audiodescrição*. 2016. cap. 3. Dissertação (Mestrado em Tecnologias Educacionais em Rede.)
- LABAN, Rudolf. *Domínio do movimento*; ed. Organizada por Lisa Ullmann [tradução: Anna Maria Barros de Vecchi e Maria Sílvia Mourão Netto. São Paulo: Summus, 1978.
- SANTANA, Ivani. *Dança na Cultura Digital*. – Salvador: EDUFBA, 2006.
- SIMONDON, Gilbert. *Imaginación e invención*. – 1ª ed. – Buens Aires: Cactus, 2013.

Notas

- 1 Licenciada em Dança pela Universidade Federal de Santa Maria. Mestranda no Programa de Pós-Graduação em Artes Visuais, Centro de Artes e Letras, UFSM. Realizou estágio com alunos surdos de uma escola pública de Santa Maria, o qual resultou neste artigo e futuras pesquisas dentro da linha de pesquisa Arte e Tecnologia.
- 2 Possui Graduação em Educação Física - Licenciatura Plena pela Universidade Federal de Santa Maria - UFSM/ (1997), com Especialização em Dança pela Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul - PUCRS/(2004), defendendo o TCC: “A Influência das Danças da Mídia Televisiva na Construção do Repertório de Movimentos em Crianças de uma Escola de Santa Maria” obtendo a Nota 9,6 (Nove Vírgula Seis). Também é Mestra em Artes Visuais pela Universidade Federal de Santa Maria (2015). Foi professora substituta no curso de Dança/ Licenciatura na Universidade Federal de Santa Maria-UFSM (2016/2017).
- 3 Ivani Santana, pesquisadora e docente na Universidade Federal da Bahia.